

AUTORIA FEMININA  
EM PERSPECTIVA

---

leituras críticas  
contemporâneas

### **Conselho Editorial**

Alexandre Mariotto Botton – UNEMAT/Tangará da Serra Alice

Áurea Penteado Martha – UEM/Maringá

Aroldo José Abreu Pinto – UNEMAT/Tangará da Serra

Diana Navas – PUCSP/São Paulo

Diógenes Buenos Aires de Carvalho – UESPI/Teresina

Edgar Roberto Kirchof – ULBRA/Canoas

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira – Unesp/Assis

João Luís Cardoso Tápias Ceccantini – UNESP/Assis/SP

Marly Amarilha – UFRN/Natal

Rosa Cuba Riche – CAP – UERJ

Sara Reis da Silva – Universidade do Minho/Portugal

Silvana Augusta Barbosa Carrijo – UFG/Catalão

Thiago Alves Valente – UENP/Cornélio Procópio

Valter Henrique de Castro Fritsch – FURG/Rio Grande

Vera Teixeira de Aguiar – PUCRS/Porto Alegre

Laureny Lourenço  
(organizadora)

AUTORIA FEMININA  
EM PERSPECTIVA

---

leituras críticas  
contemporâneas

MERCADO<sup>®</sup>  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Autoria feminina em perspectiva : leituras críticas contemporâneas / Laureny Lourenço (organizadora). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2024.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-861-6

1. Literatura - Escritoras - História e crítica I. Lourenço, Laureny.

24-236078

CDD-809

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura : História e crítica 809

*capa:* Studio Rotta Design Gráfico  
*gerência editorial:* Vanderlei Rotta Gomide  
*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras  
*revisão final* das autoras  
*bibliotecária:* Cibele Maria Dias – CRB-8/9427

Essa obra está sendo publicada com recursos  
**Pós-Lit/UFMG/CAPES/PROEX**

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**2 0 2 4**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....7

*Laureny Lourenço*

### capítulo I

A OBRA POÉTICA DE ARRIETE VILELA:

A PALAVRA TRILHANDO CAMINHOS

DE GÊNERO, CORPO E NATUREZA ..... 19

*Izabel Brandão*

### capítulo II

O FANTÁSTICO DESVELA O REAL:

UM OLHAR ECOFEMINISTA SOBRE *DISTÂNCIA*

*DE RESGATE*, DE SAMANTA SCHWEBLIN .....45

*Joana Coelho*

### capítulo III

ENTRE FRUTAS E AFETOS: UMA

ABORDAGEM ECOFEMINISTA DA

POESIA DE GRACE NICHOLS.....81

*Letícia Romariz*

### capítulo IV

DE PASSANTE A *FLÂNEUSE*? A EXPERIÊNCIA

URBANA NAS CRÔNICAS DE JÚLIA

LOPES DE ALMEIDA ..... 101

*Brenda Salgado*

### capítulo V

ROMA, MULHERES, O ESTRANGEIRO

E A LITERATURA..... 125

*Sofia Morais Coelho*

capítulo VI	
UMA LEITURA ECOFEMINISTA DOS CONTOS	
“PERDOANDO DEUS” E “AS ÁGUAS DO MAR”	
OU A DEUSA EM CLARICE LISPECTOR.....	159
<i>Edilane Ferreira</i>	
capítulo VII	
RELEITURA DE CLÁSSICOS: AS VOZES DE	
JOCASTA E MEDEIA REVISITADAS NO TEATRO	
DE MARIANA PERCOVICH E GRACE PASSÔ.....	177
<i>Jéssica Resende</i>	
capítulo VIII	
LA VOZ VEGETAL Y LA DECOLONIALIDAD EN	
“LA MUJER HABITADA”, DE GIOCONDA BELLI.....	201
<i>Laureny Lourenço</i>	
<i>Ana Cecília Rezende</i>	
SOBRE AS AUTORAS.....	237

## APRESENTAÇÃO

*E, quando eu estava escrevendo aquela resenba, descobri que, se fosse resenhar livros, ia ter de combater um certo fantasma. E o fantasma era uma mulber, e quando a conheci melhor, dei a ela o nome da heroína de um famoso poema, “O Anjo do Lar”. Era ela que costumava aparecer entre mim e o papel enquanto eu fazia as resenbas. Era ela que me incomodava, tomava meu tempo e me atormentava tanto que no fim matei essa mulher (...)*  
Virginia Woolf, *Profissões para mulheres e outros artigos feministas* (1931)<sup>1</sup>

Apresentar um livro que traz consigo – em sua constituição e em sua diversidade – tantas possibilidades de reflexões, ampliação de temáticas, re(visões) e re(formulações) de conceitos e, ao mesmo tempo, demonstrar a leveza e/ou dureza da literatura, é um desafio e um deleite. Vejo essa proposta como própria dos tempos atuais, dos nossos tempos. Ela é fragmentada, como as identidades da contemporaneidade, e também conjunta, como a força das lutas coletivas. Aqui falo especialmente das identidades e das lutas coletivas femininas ou das mulheres, como preferirem.

Neste espaço e temporalidade, o desejo de trabalhar em parceria move nosso grupo e, assim, nossa primeira obra coletiva tem a colaboração de autoras – somos todas mulheres – de Universidades brasileiras e outros espaços de pesquisa, na tentativa de que pudéssemos representar,

---

1. Woolf, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. L&PM Editores. Woolf leu esse texto para a Sociedade Nacional de Auxílio às Mulheres em 1931. Foi publicado postumamente em *A morte da mariposa*, 1942.

ainda que de maneira simbólica, as discussões teóricas e analíticas que se realizam no nosso país. Partimos de uma visão interdisciplinar, relacionando ao feminismo, além das questões de gênero inerentes aos estudos feministas e de autoria feminina, as categorias de raça, etnia, classe social e orientação sexual. A pluralidade de debates sobre os estudos da mulher e sobre os estudos de gêneros, em geral, propuseram, nas últimas décadas, superar os conceitos de minoria e marginalidade que, tradicionalmente, estiveram ligados à crítica feminista. Os termos mulher/ feminino serão utilizados nesta coletânea inúmeras vezes e terão seus espaços de revisão e de novas conexões ampliados.

Neste espaço de ampliações e novos debates temos como temática predominante nesta coletânea os estudos sobre o ecofeminismo que expressam a necessidade de rever/redefinir conceitos no sentido de abrir espaço para o entendimento e reequilíbrio entre humanos e natureza, aqui entendendo o conceito de humanidade de forma inclusiva e não de oposição ou de uma proximidade essencialista.<sup>2</sup> Natureza e cultura no sentido dado por Donna Haraway (2017), sem a separação habitual entre elas.<sup>3</sup> A necessidade que se impõe é a revisão de conhecidos binarismos – natureza-cultura, corpo-mente, objeto-sujeito, fonte-agente, e outros – visando um movimento mais inclusivo e menos dicotômico, que “não desautorize nem silencie certos grupos de humanos e também de vida não humana” (Brandão e Lourenço 2019, p. 13).

O dilema do ecofeminismo na história do feminismo está envolto à necessidade de se criar uma política

---

2. Cf. pesquisadoras como Diana Fuss (1989); Izabel Brandão (2020); Mary Russo (1995)

3. Nessa articulação, cf. pesquisadoras como Ynestra King (1998), Stacy Alaimo (2017).



de colisão antiessencialista ao mesmo tempo em que se implanta uma política estratégica de identidade. Isso porque as ideologias iluministas difundidas durante o século XVIII, que associavam a um ideal masculino o significado de ser verdadeiramente humano e racional, obscureceu os meios sociais e políticos da opressão das mulheres em sociedades sexistas, ao naturalizar a suposta inferioridade das mulheres em relação aos homens. Dessa forma: “A crise ecológica está relacionada com sistemas de aversão a tudo o que é natural e feminino por parte de formuladores brancos, masculinos, ocidentais, de filosofia, tecnologia e invenções mortíferas” (King 1997, p. 127).

Em outras palavras, as ideias que reforçaram o dualismo no qual as mulheres são associadas à natureza e os homens à cultura têm sido usadas para limitar e oprimir uma parcela feminina da sociedade. Para as mulheres, serem representadas como mais próximas à natureza que os homens, em uma cultura patriarcal na qual a verdadeira liberdade humana é definida pelo domínio da natureza, é a confirmação da posição de subalternidade à qual foram relegadas. O projeto feminista, segundo Ynestra King (1997) deveria, assim, destinar-se a livrar a natureza do domínio do homem ao invés de buscar a dissociação da imagem das mulheres à da natureza.

O essencialismo, ou a colocação de essências naturais e a-históricas para definir qualidades ou comportamentos característicos de indivíduos como membros de grupos, tem sido um objeto central das críticas feministas, porque o antiessencialismo é o método epistemológico para desconstruir noções sexistas do que as mulheres deveriam ser, bem como noções racistas, classistas e heteronormativas de que tipo de mulher conta como mulher. Historicamente, essas críticas ao essencialismo foram direcionadas às ideias masculinistas de “mulher”, mas,

mais recentemente, as críticas antiessencialistas foram dirigidas também a certas concepções feministas de “mulheres”.

Assim sendo, a parcela do trabalho das feministas que consiste em “(...) demonstrar que mesmo as atividades femininas consideradas mais naturais são inteiramente sociais” (King 1997, p. 143) desvela a atuação histórica das mulheres em identificar e desconstruir a dominação tanto da mulher quanto da natureza nas estruturas culturais, enquanto fruto de uma construção social. Contudo, isso não atribui valor desprezível aos fatos biológicos. Tampouco quer dizer que “(...) os homens e mulheres não sejam diferentes, mas, sim, que certos dados e diferenças somente adquirem significado de superior/inferior dentro da estrutura de sistemas de valores culturalmente definidos” (Ortner, 1979, p. 97).

O que pode explicar a “cumplicidade” histórica de parte das mulheres em preservar esse sistema patriarcal que as subjuga e transmitir tal sistema ao longo das gerações? É o que questiona Gerda Lerner (2019), que esclarece não se tratar de uma inferioridade essencial traçada por um destino biológico. Para a historiadora, a falta de consciência em relação à própria história é uma das formas principais de manter as mulheres subordinadas (p. 268). A tomada de consciência, por outro lado, é “a força dialética que as impele à ação para mudar a própria condição” (p. 30). Para Simone de Beauvoir (2016), é na esfera doméstica, familiar que a subordinação da mulher é naturalizada, de forma que ela não consegue identificar a fonte da opressão. Soma-se a isso, contribuindo para a naturalização da subalternidade, o espaço do isolamento identitário destinado às mulheres no patriarcado, em que elas se constituem na diferenciação e não se entendem como parte de uma mesma categoria, como grupo.

Para haver a emancipação feminina, portanto, é preciso romper com as narrativas de objetificação que nos são impostas, atingindo a tomada de consciência, e reconhecer e explorar o campo fértil das diferenças para nos reconhecermos como uma identidade, um coletivo, e não como a categoria do Outro, do relativo ao homem absoluto.<sup>4</sup> É nessa linha de pensamento que María Lugones, socióloga, professora, feminista e ativista argentina, estabelece o conceito de feminismo decolonial adicionando à luta feminista a intersecção da decolonialidade. Ela afirma que “ler o social a partir das cosmologias que o informam, em vez de começar com uma leitura gendrada das cosmologias que subjazem e constituem a percepção, a motilidade, a incorporação e a relação” é usar a metodologia da decolonialidade (2014, p. 944).

Há que se destacar, assim, a importância e a complexidade de uma publicação coletiva que contemple os feminismos em sua pluralidade, ao mesmo tempo em que se percebe como se torna fundamental a coletividade para uma efetiva prática feminista decolonial. Para decolonizar pensamentos e atitudes, é preciso ter uma visão abrangente, que englobe a conexão entre todos os seres. Assim, repensar e atualizar as nomenclaturas, os termos e novos conceitos sempre é importante e pede um movimento de releitura e análise dos textos já produzidos pela crítica feminista.

---

4. Retomo aqui o pensamento de Simone de Beauvoir, que cunha o conceito de Outro, evidenciando que a mulher não é definida em si mesma, mas relativamente ao homem, por meio do olhar deste: “A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. [...] A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (p. 12-13)

Então, como proposta principal desta coletânea, buscamos diversificar as possibilidades de análise literária e, por conseguinte, de autoria feminina, com um forte posicionamento dentro da crítica feminista contemporânea. Os oito capítulos aqui configurados tratam de poemas de autoras brasileiras e estrangeiras, passando pela crônica jornalística de uma autora brasileira, contos de autoras brasileiras, até narrativas de romances estrangeiros e releituras de produções teatrais, sempre destacando a autoria feminina e a ampliação das temáticas pertinentes. Também destaco, além da diversidade de gêneros literários, o alcance cronológico de nossos objetos literários, ou seja, temos desde 1912 com as crônicas de Júlia Lopes de Almeida, passando pelos anos 70 com Clarice Lispector, caminhando pelos anos 80 com Gioconda Belli, anos 90 com Arriete Vilela (e em outros tempos posteriores), anos 2000 com Mariana Percovich (2016) e a brasileira Grace Passô (2017) e a recente tradução da obra de Samanta Schweblin (2024) (tradução de Joca Reiners Terron).

O primeiro capítulo, *A obra poética de Arriete Vilela: a palavra trilhando caminhos de gênero, corpo e natureza*, de Izabel Brandão, trata da escritora alagoana Arriete Vilela (1949-) e examina sua obra poética de forma panorâmica, tecendo considerações temáticas sobre a prosa e a poesia, apontando como cerne da busca existencial da poeta e escritora, a palavra. Para tanto usa o referencial crítico feminista como base teórica e remete a questões ecológicas presentes nessa escrita, a relação poética com a espiritualidade, o corpo, entre outros vieses de forte impacto para a escritora em sua obra.

O segundo capítulo, *O fantástico desvela o real: um olhar ecofeminista sobre Distância de Resgate*, de Samanta Schweblin, de Joana Coelho, traz a literatura de Samanta Schweblin, particularmente em sua obra *Dis-*

*tância de Resgate*, traduzida por Joca Reiners Terron (2024). Retomando a tradição literária argentina, a novela se aproxima do modo fantástico, marcado pelo confronto entre o real e o sobrenatural, de forma a denunciar a realidade, com foco no cenário da soja transgênica, uso de agroquímicos e suas implicações socioambientais. Para isso, apoiou-se em teóricos do fantástico, em especial Ana Paula Martins (2021), que aponta o uso do fantástico por escritoras mulheres como um mecanismo estratégico para questionar e revelar as contradições de um mundo ordenado. Adentrando a problemática dos agroquímicos e transgênicos na Argentina e suas implicações ambientais, especialmente para mulheres e crianças, a análise também se baseia em pesquisadoras e pensadoras ecofeministas, das ciências sociais e geográficas, buscando refletir sobre como a obra de Schweblin não apenas ilumina essas questões ambientais prementes, mas também ressoa como um poderoso chamado ecofeminista em tempos de crise climática.

Já no terceiro capítulo, *Entre frutas e afetos: uma abordagem ecofeminista da poesia de Grace Nichols*, Letícia Romariz, em continuidade de seus estudos sobre a autora caribenha Grace Nichols, analisa seus poemas a partir da associação entre frutas e afetos. Ambos os elementos são parte de domínios considerados inferiores ou desvalorizados no pensamento ocidental e a aproximação entre eles é meio para ressignificação das categorias que a lógica binária ocidental possui. Discutindo a ideia de um espaço transcorpóreo (Alaimo 2017) afetivo, as frutas tornam-se elemento mediador que torna visível as influências dos afetos em nossas vidas.

Passando ao quarto capítulo, *De Passante a Flâneuse? A experiência urbana nas crônicas de Júlia Lopes de Almeida*, temos a apresentação da pesquisa de Brenda

Salgado, sobre como o surgimento da modernidade implicou em novas figuras para o plano literário, entre eles o *flâneur*, botânico do asfalto delineado na e pela obra de Charles Baudelaire. Ação marcadamente masculina, a flanação é pouco associada às mulheres, dadas as restrições de acesso à arena pública impostas a elas. Ainda assim, a *flâneuse* – mais do que mera versão feminina do *flâneur* – vem sendo buscada cada vez mais nos estudos literários, a fim de se recuperar a percepção feminina sobre o ambiente urbano. Frente a isso, o capítulo busca analisar a possibilidade de uma narradora *flâneuse* nas crônicas da escritora carioca Júlia Lopes de Almeida, que teceu observações agudas sobre as mudanças geradas pela *Belle Époque* brasileira. Tem-se como objeto uma crônica da autora publicada na coluna “Dois Dedos de Prosa”, no jornal *O Paiz*, e visará investigar se a figura da *flâneuse* é adequada à narradora de tais textos.

No quinto capítulo, *Roma, mulheres, o estrangeiro e a literatura*, de Sofia Coelho, o objetivo é refletir acerca da existência das mulheres na história, com a ressalva de que não é uma fala universal: são reflexões desenvolvidas pensando na Antiguidade romana. Afinal, como afirma Judith Butler (2018, p. 6), não existe um patriarcado universal: “mulher” não é uma identidade comum, e diferentes contextos históricos trazem diferentes construções de gênero, que se interseccionam com outras categorias como raça, classe, etnia etc. Não é possível generalizar todas as mulheres dessa Antiguidade, nem mesmo do recorte feito no capítulo, dos séculos II a.C. até II d.C., e as figuras que eventualmente são citadas podem representar certos grupos, mas não todas as nuances. São elementos de um quadro maior quando se fala da Antiguidade romana; ademais, busca estabelecer relações com o seu contexto atual.

O sexto capítulo, *Uma leitura ecofeminista dos contos “Perdoando Deus” e “As águas do mar” ou a Deusa em Clarice Lispector*, de Edilane Ferreira, realiza uma leitura ecofeminista dos contos “Perdoando Deus”, publicado no livro *Felicidade Clandestina* (1971), e “As águas do mar”, que integra *Onde estivestes de noite* (1974), da escritora Clarice Lispector. São bases teóricas das análises, portanto, autoras ecofeministas de viés espiritualista, a exemplo de Maria Mies e Vandana Shiva (1993), Starhawk (1989), Charlene Spretnak (1989), Dena Metzger (1989), e Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, com suas interpretações dos símbolos. As leituras revelam a construção da Deusa arquetípica nas narrativas, não dualista e imanente, alinhada a elementos da Natureza, da Terra, como as águas, e em contraposição ao Deus patriarcal.

Já no sétimo capítulo, *Releitura de clássicos: as vozes de Jocasta e Medeia revisitadas no teatro de Mariana Percovich e Grace Passô*, de Jéssica Resende, passamos à análise das formas pelas quais a dramaturga argentina Mariana Percovich (2016) e a brasileira Grace Passô (2017) revisitam as tragédias gregas “Édipo rei”, de Sófocles, e “Medeia”, de Eurípides, a fim de dar voz às personagens Jocasta e Medeia e, assim, inscrever e confrontar as questões patriarcais que (ainda) cerceiam as mulheres, em um diálogo tanto milenar quanto contemporâneo. A fim de enfrentar a ideologia patriarcal que, associada à violenta prática da colonização, subjugou, objetificou e fragmentou os corpos femininos, as mulheres latino-americanas estão utilizando a prática do revisionismo literário-artístico para repensar obras clássicas produzidas por homens e, a partir delas, construir um diálogo milenar, no qual essas personagens originalmente silenciadas, em muitos casos, ganham vozes. É por meio da arte que essas

mulheres literárias ganham vida e são ouvidas, ressoando questões tão antigas quanto atuais da condição feminina nas sociedades latinas, nas quais foram/são duplamente subjugadas pelas estruturas patriarcais que ainda carregam em si as feridas da colonização.

E, finalmente, o oitavo capítulo, *La voz vegetal y la decolonialidad en “La mujer habitada”, de Gioconda Belli*, de Laurenny Lourenço e Ana Cecília Rezende, traz o único texto escrito em língua espanhola, optando pela não-tradução como um posicionamento político-pedagógico. Há que se valorizar e dar visibilidade aos trabalhos desenvolvidos dentro da universidade que ampliem a conexão com outros idiomas e, politicamente, reafirmem a necessidade do ensino da língua espanhola no currículo nacional. O capítulo apresenta a proposição final da pesquisa realizada pelas autoras durante uma iniciação científica e a escrita da monografia de final de curso da graduanda em Letras-Espanhol e trata de uma busca decolonial da identidade feminina latino-americana a partir da análise das personagens Itzá e Lavinia, na obra *La mujer habitada*, da autora nicaraguense Gioconda Belli. Partindo da compreensão da origem do sistema capitalista como parte estrutural do colonialismo e do patriarcado até chegar ao giro decolonial proposto pela autora no romance, a pesquisa se apoia, especialmente, nas leituras de Aníbal Quijano (2009) (2005), Nelson Maldonado-Torres (2007), Silvia Federici (2017) e Grada Kilomba (2019). Além disso, pretendeu-se apresentar a literatura como ferramenta fundamental de construção imaginária de um passado resistente e esquecido, o qual possibilita a abertura de caminhos a um futuro livre através da insurreição. Para além da razão, as existências que não estão estruturadas no pensamento cartesiano são reconhecidas no romance, especificamente através da construção de uma voz vegetal, a qual luta jun-



tamente às mulheres contra a opressão. A literatura, nesse sentido, se mostra como possibilidade de vida e de libertação decolonial e ecofeminista.

Afinal, somos todas mulheres: anjos do lar, bruxas, deusas, ciborgues ou rainhas.

*A organizadora.*

Belo Horizonte, inverno de 2024.

### *Referências*

ALAIMO, Stacy. “Feminismos transcorpóreos e o espaço ético da natureza. Tradução Susana Funck.” *Estudos Feministas*, vol. 25, nº 2, 2010[2017, pp. 909-934].

BRANDÃO, Izabel e LOURENÇO, Laurenny. *Literatura e ecologia: trilhando novos caminhos críticos*. Maceió: Edufal, 2019.

BRANDÃO, Izabel. “Apresentação do Dossiê Literatura e Ecologia: vozes feministas e interseccionais.” *Revista Ártemis*, vol. XXIX nº 1, João Pessoa, pp. 2-13, 2020.

BRANDÃO, Izabel. “Ecofeminismo e literatura: novas fronteiras críticas”, in: BRANDÃO, Izabel e MUZART, Zahidé (orgs.) *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, pp. 461-473, 2003.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira. 2016.

FUSS, Diana. “O ‘risco’ da essência”, in: BRANDÃO, Izabel et al. (org.) *Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970- 2010)*. Tradução Ildney Cavalcanti e Amanda Prado. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 1989[2017, pp. 362-397].

HARAWAY, Donna. *Quando as espécies se encontram*. Tradução: Juliana Fausto. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

\_\_\_\_\_. *Simians, Cyborgs, and Women – the Reivention of Nature*. New York: Routledge, 1991.

KING, Ynestra. “Curando as feridas: feminismo, ecologia e dualismo natureza/cultura”, in: JAGGAR, Alison M. e BORDO, Susan. *Gênero, corpo, conhecimento*. Tradução de: Britta lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997[1988, pp. 126-156].

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.

LUGONES, María. “Colonialidade e gênero”, in: HOLLANDA, Heloisa B. (org.) *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2008[2020, pp. 52-83].

ORTNER, Sherry Beth. “Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?”, in: ROSALDO, Michelle Zimbalist e LAMPHERE, Louise (orgs.) *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RUSSO, Mary. *O grotesco feminino: risco, excesso e modernidade*. Tradução Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1995[2000].

WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1931.